
O laço político-religioso costurado pelo bolsonarismo: Análise Crítica do Discurso de Michelle Bolsonaro e a Teologia do Domínio¹

Karla Regina Macena Pereira PATRIOTA²
Henrique Jônatas de Souza SANTOS³
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

No artigo analisamos a construção discursiva da Michelle Bolsonaro, ex-primeira-dama e esposa do ex-presidente Jair Bolsonaro à luz da Análise Crítica do Discurso. A escolha do corpus e seu recorte se deu em torno de duas de suas falas em situações e espaços distintos para correlacionar evidências do que se convencionou chamar de “Teologia do Domínio” nas pautas da nova direita brasileira. As discussões revelam, entre outras questões, uma significativa guinada no tom político-religioso na conjuntura pós-derrota eleitoral em 2022, favorecendo a identificação dos argumentos que pautam a busca por uma teocracia tida por essencial para a governança do país.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia do domínio, Análise Crítica do discurso, Bolsonarismo, Michelle Bolsonaro.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a política tem se tornado um espaço de visibilidade para as transformações religiosas brasileiras contemporâneas. Portanto, não nos parece leviano pontuar que a Igreja como instituição, nas suas mais diversas filiações, e pautada pelo pensamento teológico que determina não apenas suas dinâmicas de funcionamento estrutural interno, mas igualmente as suas formas de relacionamento com a sociedade, promoveu um emblemático acordo com “o presidente mais próximo dos evangélicos que o Brasil já teve”, como expôs o jornal El País (10.07.2019): um governante que, repetidamente, reiterava que “embora o Estado brasileiro seja laico, nós somos cristãos” (GORTAZÁR, 2019).

Por conseguinte, a cristandade, como apregoada por Jair Bolsonaro, forneceu a liga que entrelaça ainda mais Igreja e Política – fortalecendo a mudança histórica em curso, de um grupo que antes rejeitava o envolvimento com a Política, defendendo que “crente não se mete em política” para a perspectiva, cada vez mais efetiva, de que “irmão vota em irmão” (FREESTON, 1993; ORO, 2008 apud AMORIM, 2017, p.58).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Sociologia e Mestre em Comunicação. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM - UFPE), email: karla.patriota@ufpe.br.

³ Mestre em Comunicação pelo Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM - UFPE), email: henrique.jonatas@ufpe.br.

Com efeito, a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 resultou de uma convergência de fatores econômicos, sociais e políticos, combinados com o uso estratégico das mídias digitais, em especial das redes sociais, com retóricas populistas e conservadoras. Não por acaso, a crescente influência da religião na política brasileira, após período de relativo silêncio imposto pelo secularismo, adicionou uma camada significativa ao complexo cenário eleitoral desse período culminando no resultado que assistimos hoje, como bem postulou Pereira (2023, p.149): “A religião, que parecia banida da política, rompeu o silêncio que lhe foi imposto pelo secularismo e assumiu posição central no cenário político brasileiro”.

Os posicionamentos sócio-políticos divulgados por inúmeras Igrejas brasileiras das mais variadas vertentes, unidas em cooperação mútua para o objetivo comum de eleger um presidente cristão, acionaram algumas doutrinas cristãs clássicas para a defesa da vida em sociedade e legitimação discursiva para a escolha do gestor máximo da nação.

Tal entrelaçamento entre religião e política, ganhou expressivo espaço na sociedade em rede e nas mídias digitais e sociais no Brasil, recebendo força e robustez também pela emergência do que se nomeou de ‘Teologia do Domínio’, uma espécie de “projeto de poder evangélico” (PEREIRA, 2023, p.151), que tem nutrido discursos político-religiosos e moldado processos eleitorais e estratégias de governos conservadores, à medida em que se torna um baluarte ideológico para aqueles que vislumbram uma sociedade regida pelos valores e moralidades contidos nas Escrituras Sagradas.

Trata-se, como esclarece Cunha (2021), de uma Teologia que ancora a busca pela “reconstrução da teocracia na sociedade contemporânea, no cumprimento da predestinação dos cristãos ocuparem postos de comando no mundo (presidências, ministérios, parlamentos, lideranças de estados, províncias, municípios, supremas cortes) para incidirem na vida pública – o domínio religioso cristão” (CUNHA, 2021, p.8).

Um exemplo a ser destacado ocorreu quando Bolsonaro, então presidente da República, anunciou a indicação de um ministro "terrivelmente evangélico" para a Suprema Corte (STF). O escolhido foi o pastor presbiteriano André Mendonça, a ele Bolsonaro pediu “(...) que, uma vez por semana, ele comece a sessão [no Supremo] com uma oração. Isso já está fechado” (ALESSI, 2021).

Estes e outros tipos de influência podem ser vistos hoje na contínua ascensão de lideranças políticas que evocam princípios cristãos como alicerce de suas plataformas, promovendo certa sinergia entre fé e política para redefinir o panorama sociopolítico.

NOVOS CONTEXTOS, UMA NOVA REPRESENTANTE

Desde as eleições de 2018 a Direita demonstrou, de forma cada vez mais evidente, um profundo alinhamento com a perspectiva cristã evangélica de governança. A materialidade dessa aliança foi vista a exaustão em toda a campanha presidencial de Jair Bolsonaro, seja nas igrejas ou fora delas, sendo coroada no discurso de posse em 1ª de janeiro de 2019, sob a máxima “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos” (BOLSONARO, 2019)⁴.

No entanto, após a derrota nas eleições de 2022, tornou-se imperativo certa reorganização junto à base política de vertente cristã, preservando e até ampliando o alinhamento político-religioso que lhe conferiu significativa representatividade entre os evangélicos. Soma-se a isso o evento da inelegibilidade, por 8 anos, do ex-presidente Jair Bolsonaro, no processo jurídico que acatou as denúncias de abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação (pelo impulsionamento de notícias falsas) durante sua campanha de 2022.

Tais elementos contribuiriam para que outro nome começasse a ascender em notoriedade e carisma, especialmente entre os grupos associados aos espaços religiosos. Nos referimos à Michelle de Paula Firmo Reinaldo Bolsonaro, ex-primeira-dama e atual presidente da vertente "Mulher" do Partido Liberal⁵ (PL Mulher).

Cristã pentecostal, jovem (42 anos) e articulada, Michelle protagonizou a frente evangélica da campanha de 2022 e manteve seu alinhamento após o segundo turno. Cogitada em pesquisas e nos bastidores políticos como potencial representante do bolsonarismo na corrida presidencial de 2026, Michelle nega que tal aspiração figure em seus planos, afirmando de forma recorrente que Jair Bolsonaro, (mesmo atualmente inelegível), será o candidato, por isso ela apenas se une "ao coro popular para pedir: 'Volta, Bolsonaro!'" (MICHELE..., CARTACAPITAL, 2024).

Em recente pesquisa da Quaest com eleitores da Direita, divulgada pela CartaCapital em 15 de maio de 2024, vemos a potência de Michelle na corrida presidencial de 2026, quando comparada ao nome de Tarcísio de Freitas (atual

⁴ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante cerimônia de Recebimento da Faixa Presidencial – Brasília, 1º de janeiro de 2019.

⁵ O PL declara em sua página oficial que está “convocando homens, mulheres e jovens para a realização do sonho de um Brasil com estruturas políticas voltadas para o serviço a pátria e para a formação de uma sociedade justa e cristã”.

governador de São Paulo)⁶. A ex-primeira-dama conta com 28% das preferências entre os “eleitores bolsonaristas”, superando Tarcísio, que conta com 24%. E mais: o apoio e preferência por Michelle é manifesto uniformemente em diversas regiões do país, sinalizando sua capacidade de mobilização e influência na base conservadora (MICHELLE X TARCÍSIO..., CARTACAPITAL, 2024). Tais resultados parecem indicar que, em um cenário de disputa direta com Lula, Michelle se posicionaria como uma adversária com certo peso, graças à sua popularidade crescente e a forte conexão que ela mantém com o eleitorado evangélico e bolsonarista.

Considerando o atual contexto político brasileiro e os elementos da ‘Teologia do Domínio’ que identificamos como presentes nos discursos político-religiosos de Michelle Bolsonaro, realizamos uma análise de suas falas utilizando os princípios da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001). O esforço visou compreender como tais discursos se relacionam com as realidades sociais e políticas, evidenciando a influência da dominação religiosa em um cenário de disputas e narrativas políticas confrontadoras.

METODOLOGIA, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CORPUS

Como já pontuamos, a “Teologia do Domínio” busca reconstruir a teocracia na sociedade contemporânea, elevando cristãos ao poder político (CUNHA, 2021). Esta, por sua vez, se infiltra profundamente na vida pública, promovendo o domínio religioso cristão em todas as esferas possíveis. Através do discurso midiático, a TD se consolida como um poderoso instrumento de influência política e social, alinhada com a ambição de grupos políticos, especialmente de direita e extrema-direita, em moldar a governança segundo preceitos religiosos específicos.

Dada a complexidade do fenômeno e as limitações espaciais, escolhemos Michelle Bolsonaro como figura central na nossa análise. Sua ascensão no cenário político atual, especialmente após a exclusão da figura mais proeminente no segmento evangélico conservador, demonstra significativa influência sobre uma parte considerável da população brasileira. Além de sua trajetória e fé religiosa, Michelle desempenhou um papel decisivo na formação de alianças evangélicas durante as duas últimas eleições presidenciais. Assim, além de ser vista como alternativa frente à inelegibilidade de Jair Bolsonaro, ela personifica, em seus discursos, os principais elementos da proposta teocrática para a governança do país.

⁶ A pergunta feita foi: Na pergunta “quem seria melhor para enfrentar Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2026 se Bolsonaro não puder concorrer?”

Como corpus analítico deste artigo, selecionamos dois discursos emblemáticos proferidos espontaneamente por Michelle. O primeiro ocorreu às vésperas do segundo turno de 2022, durante o culto de aniversário da pastora Elizete Malafaia, esposa do pastor Silas Malafaia, presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo - ADVEC⁷. O segundo foi pronunciado no ato convocado pelo ex-presidente no dia 25 de fevereiro de 2024, sob a alegação de que ele precisava se defender de acusações infundadas, na Avenida Paulista, diante de uma multidão trajada com as cores da bandeira nacional⁸.

DISCUSSÕES E ANÁLISE

Após a imersão nas falas selecionadas, ambas evidenciam uma construção discursiva e política fortemente ancorada em elementos religiosos que respondem e circunscrevem, com muita adequação, os anseios de submeter o mundo que nos cerca à gestão teocrática que sustenta a ideia de uma Teologia na qual os cristãos devem exercer domínio e liderança em todas as esferas da sociedade, visto que evoca que cristãos têm a responsabilidade divina de influenciar e controlar áreas da vida em sociedade.

Em 2022, no culto dentro da ADVEC, Michelle critica duramente os governos anteriores, destacando a ineficácia em concluir obras e resolver problemas essenciais, como o abastecimento de água no Nordeste. Ela exalta o agronegócio (segmento muito ligado à Direita), contrapondo-o às acusações de fascismo e elitismo, ao mesmo tempo em que o apresenta como o setor que alimenta a população e o mundo. Essa retórica não apenas defende os interesses do agronegócio, mas também utiliza uma dicotomia moral, classificando o agro como "o lado do bem" contra um adversário "maligno".

Porque o outro lado passou 16 anos no poder e nada fez. Não conseguiu concluir nem as obras. Não conseguiu nem levar água para o Nordeste e hoje está prometendo picanha. E acusa o agro. Fala que o agro é fascista e elitista. É o agro que coloca o alimento nas nossas mesas. É o agro que alimenta o mundo (MICHELLE BOLSONARO, 2022).

Em 2024, Michelle intensifica a retórica religiosa, sugerindo que a crise enfrentada é mais espiritual do que civil, social ou político-ideológica. Ela invoca orações, clamores e atos proféticos, posicionando a fé como um elemento central da pauta política nacional. Seu discurso propõe a "libertação" do mal que teria ocupado os espaços de

⁷ Discurso proferido em outubro de 2022. Disponível no canal oficial da ADVEC em: [CULTO DE ANIVERSARIO | PRA. ELIZETE MALAFAIA | MICHELE BOLSONARO | 20/10/2022](#)

⁸ Discurso proferido no em fevereiro de 2024. Disponível em: [Michelle Bolsonaro discursa durante ato na Avenida Paulista](#)

poder, reforçando a ideia de que a política deve ser teocrática, já que precisa ser guiada pelos princípios divinos.

Por um bom tempo fomos negligentes ao ponto de dizer que não poderíamos misturar política com religião. E o mal tomou e o mal ocupou o espaço. Chegou o momento, agora, da libertação. ‘Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará’ foi o versículo que ele [Bolsonaro] usou em toda campanha e eu creio que isso foi gerado no mundo espiritual, porque eu acredito em um Deus vivo. Um Deus todo poderoso que é capaz de restaurar e curar a nossa nação (MICHELLE BOLSONARO, 2024).

Ao enquadrar o mundo espiritual no espaço político, Michelle atua para cooptar e ampliar a base dos eleitores evangélicos, oferecendo a visão de um Brasil redimido, curado e dirigido por Deus na sua narrativa contínua de crise e salvação, para mobilizar as pessoas em torno de uma visão cristã de governo. Portanto, é notável que a raiz religiosa ficou mais presente na postura enunciativa o que promove expectativas de que esse alinhamento se torne ainda mais íntimo nas próximas eleições.

REFERÊNCIAS

ALESSI, Gil. André Mendonça, o nome “terrivelmente evangélico” para o STF de Bolsonaro. **El País**, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-12/andre-mendonca-o-nome-terrivelmente-evangelico-para-o-stf-de-bolsonaro.html> Acesso em 28 Jun. 2024.

AMORIM, Andrea de Lima Trigueiro de. Poder e violação de direitos humanos no discurso neopentecostal: Uma análise da atuação político-midiática de Silas Malafaia e Marco Feliciano nas redes sociais online. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Comunicação – PPGCOM/UFPE, 2017.

CUNHA, Magali. “Pelo Governo de Deus”: A Inserção e novos Movimentos Fundamentalistas Estadunidenses na arena política do Brasil durante o governo Trump. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Campinas, vol. 23, 2021.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 2001.

GORTÁZAR. Naiara Galarraga. Um ministro “terrivelmente evangélico” a caminho do Supremo Tribunal Federal. *El País*. Edição de 10.07.2019 – Online. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/10/politica/1562786946_406680.html. Acesso em: 09.07.2019.

MICHELLE... nega planos de concorrer à Presidência em 2026: ‘Bolsonaro é o nosso candidato’. **CartaCapital**, 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/michelle-nega-planos-de-concorrer-a-presidencia-em-2026-bolsonaro-e-o-nosso-candidato/>. Acesso em 28 Jun. 2024.

MICHELLE X TARCÍSIO...: pesquisa indica quem é o favorito para substituir Bolsonaro nas eleições em 2026. **CartaCapital**, 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/michelle-x-tarcisio-pesquisa-indica-quem-e-o-favorito-para-substituir-bolsonaro-nas-eleicoes-em-2026/> Acesso em 28 Jun. 2024.

PEREIRA, Eliseu. Teologia do Domínio: Uma chave de interpretação da relação evangélico-política do Bolsonarismo. **Projeto História**, São Paulo, v. 76, pp. 147-173, Jan.-Abr., 2023.